

# BIBLIOTECA DAS MOÇAS: CONTOS DE FADA OU CONTOS DE VIDA?\*

Maria Tereza S. Cunha

Professora do Centro de Ciências da Educação da UFSC  
e doutoranda da Faculdade de Educação da USP

---

## RESUMO

Neste estudo pretende-se investigar, através da análise de romances da Coleção Biblioteca das Moças (publicados de 1935 a 1963), quais as representações específicas de mulher e professora que são ali veiculadas. Procura-se também lidar com a literatura como um dos processos sociais de apropriação e representação de hábitos e valores capazes de engendrar um imaginário e uma identidade próprias em suas leitoras. Na tentativa de utilizar uma perspectiva teórico-metodológica de base ampla e flexível, recorre-se a abordagens interdisciplinares e plurais que caracterizam a história da cultura.

LITERATURA — MULHER — PROFESSORAS

## ABSTRACT

This study intends to investigate, through the analysis of the *Coleção Biblioteca das Moças* (Young Ladies Library Collection) novels, what are the specific roles of woman and teacher portrayed therein. It also endeavor in dealing with the literature habit as one of the social processes of appropriation and representation of uses and values able to engender a self imagery and identity on the novels' readers. While trying to use a broad and flexible theoretic-methodological perspective, the author have recourse to plural and interdisciplinary approaches, which characterize the history of Culture.

---

\* Este artigo é parte do trabalho apresentado no curso "Família e Educação: Socialização, Escolarização e Vida Profissional", ministrado na USP pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Jerusa Vieira Gomes, em agosto de 1992.

*"Contar é muito, muito difícil. Não pelos anos que se passaram. Mas, pela astúcia que têm certas coisas passadas — de fazer balance, de se remexerem dos lugares."*

Guimarães Rosa

Mulheres e literatura são o objeto deste artigo que constitui uma tentativa de trazer para o espaço público a experiência privada da leitura, investigando até que ponto o ato de ler pode ser capaz de engendrar uma identidade e um imaginário próprios em quem o realiza.

Ao abordar o tema, algumas inquietações apareceram, tais como: não funcionaria a leitura como uma maneira de "interiorizar 'sub-mundos' caracterizados por componentes normativos e afetivos assim como cognoscitivos", como apontam Berger e Luckmann (1990. p.184 e ss.) quando se referem aos processos de socialização secundária? será que a leitura difundiu conteúdos capazes de possibilitar uma construção de valores? Na busca de opções que pudessem oferecer algumas perspectivas às questões levantadas dispus-me a pesquisar quais leituras mulheres/professoras, oriundas das camadas médias da população, gostavam de fazer nas décadas de 40, 50, até meados da década de 60, em Florianópolis.

Uma conversa mais descontraída aqui, uma entrevista mais estruturada ali, uma palavra acolá, um fiapo de lembrança mais adiante, e fui sendo reapresentada a um tipo de literatura romântica destinada, essencialmente, ao público feminino, que fez muito sucesso algumas décadas atrás — A Biblioteca das Moças.

A Biblioteca das Moças fazia parte de uma coleção popular — Coleção Verde — composta de 175 títulos, traduzida e publicada no Brasil pela Companhia Editora Nacional, de São Paulo, entre 1935 e meados de 1960<sup>1</sup>. Literatura de entretenimento, compunha-se de romances sentimentais (histórias de amor "açucaradas") dirigidos à mulher, como mostra a cartinha endereçada à "gentil leitora" que, nas primeiras edições vinha ao final dos volumes e que, entre outras palavras ao público leitor feminino, incentivava a novas leituras "capazes de satisfazer ao seu gosto e à sua sensibilidade". Seus autores mais difundidos eram M. Delly (pseudônimo literário de um casal francês), Elynor Glyn, Concórdia Merrel, Berta Ruck. M. Delly era quem tinha mais títulos publicados — cerca de 30 romances.

Relendo essa literatura, conversando com ex-leitoras, vasculhando bibliotecas, pretendo neste estudo investigar, através da análise dos romances da Biblioteca das Moças, quais as representações específicas de mulher e professora (educadora), e verificar como tal literatura poderia engendrar uma identidade feminina própria nessas gerações. Espero, com isso, contribuir para a análise e a problematização de pressupostos sobre os "papéis sociais" esperados de mulher/professora.

Selecionei, para compor o *corpus* documental da análise, romances cuja tiragem ultrapassou a 3ª edição — o que indica, em vários casos, mais de 20.000 volumes vendidos, todos de autoria de M. Delly, cujos títulos aparecem arrolados ao final do trabalho. Encontrei muitos desses livros em sebos de Florianópolis, Joinville e São Paulo; outros tomei emprestado da Biblioteca Pública de Florianópolis e do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, ou então de antigas leitoras.

Na tentativa de utilizar uma perspectiva teórico-metodológica de base ampla e flexível, recorro a vários campos de conhecimentos mediante abordagens interdisciplinares (História, Literatura, Educação, por exemplo) e plurais, em lugar da separação burocrática do conhecimento em compartimentos herméticos e excludentes. Neste aspecto, apóio-me em Stone (1979) que teoriza sobre a importância do "método holofote", que "consiste em registrar nos mínimos detalhes um único evento, contanto que seja muito cuidadosamente inserido em seu contexto total e analisado cuidadosamente o seu significado cultural." (Stone, 1979. p.14)

Nesta perspectiva interdisciplinar recorro basicamente às contribuições de Berger e Luckman (1990), sobre socialização secundária, e a Roger Chartier (1990) que vem realizando trabalhos sobre a história da leitura. Utilizo, ainda, uma gama variada de autores que abordam assuntos relativos ao tema mulher e educação e ao comportamento feminino, em geral.

Para a realização deste trabalho pretendo fazer render ao máximo o fragmento, ousando aqui e ali uma interpretação tanto por possíveis descobertas objetivas como arriscando-me pelos caminhos do "apenas imaginável". Nesta travessia certamente comerei o pão que o diabo amassou, mas também não deixarei de provar do melhor vinho.

## MULHERES, LIVROS, LEITURAS: "MIL NADAS"

As pesquisas e estudos históricos, antropológicos e mesmo educacionais sobre mulheres vêm, desde a última década<sup>2</sup>, se multiplicando na produção das Ciências Sociais, e têm suscitado revisões teóricas, alguns "embaraços" metodológicos, desafios e impasses que foram assim expressos pela historiadora Maria Odila L. S. Dias (1991): "São muitas as dificuldades e os obstáculos que se apresentam para as que ousam se enveredar pelos estudos das mulheres em sociedade, pois trata-se de terreno minado de incertezas, saturado de controvérsias movediças, pontuado de ambigüidades sutis que é preciso discernir, iluminar, documentar, mas que resistem a definições... Tra-

1 Atualmente, essa coleção está sendo relançada pela própria Companhia Editora Nacional. Retornarei ao assunto no decorrer do trabalho.

2 As publicações da Fundação Carlos Chagas vêm se destacando nessa área, com sua linha de pesquisa voltada para os estudos de Educação e Mulher.

ta-se de um domínio inóspito para quem sofre de ansiedade cartesiana.” (p.1)

Essa produção intelectual que tematiza a mulher e as relações de gênero tenta encontrar caminhos de interpretação que permitam redefinir e/ou reconstruir em contextos delimitados de tempo e espaço os processos sociais e históricos de construção da identidade.

Trabalhar nesta perspectiva de interpretação implica perceber que a construção de um imaginário e de uma identidade é, essencialmente, um processo social, produto de um conjunto de determinações tais como situação de classe, grupo étnico, escolaridade e trajetórias pessoais historicamente construídas, como propõe Joan Scott (1990)<sup>3</sup>.

Aqui, trabalho com mulheres de diferentes camadas sociais, faixa etária, poder aquisitivo e, consequentemente estilos de vida diferentes e até divergentes, mas que têm pelo menos um ponto em comum: lêem romances da Biblioteca das Moças!

Composta só de obras traduzidas, principalmente do francês, essa coleção assinala o início da invasão do *best-seller* estrangeiro, facilitada e estimulada pela ausência de similares nacionais, pois ao que parece a literatura nacional (Candido, s/d) acabava não preenchendo as expectativas do gosto burguês. O Modernismo, com seus vanguardistas e a prosa experimental de Mário e Oswald de Andrade, contestando polemicamente os valores tradicionais da arte, chocava o público; também o romance nordestino de 30, voltado para a denúncia social, não interessou de imediato o público feminino, que se sentiu atraído pelos romances da Biblioteca das Moças.

O interesse do público feminino por romances sentimentais foi objeto de alguns estudos no campo da história da literatura brasileira. Segundo Nelson Werneck Sodré (1976), por exemplo, desde o final do século XIX se registra essa tendência:

*“O aparecimento do romance e a sua vulgarização, com o romantismo, no Brasil, assinala a conquista de um público para a literatura (...). Ao elemento feminino da classe dominante, cujos ócios permitiam, dentro da restrição dos parcos conhecimentos destinados à mulher, voltar as suas atenções e preencher os lazes com a leitura, dirigia-se o romance sentimental que acabou por constituir a caricatura do gênero.”*

No mesmo viés interpretativo, Bicalho (1989), ao analisar a imprensa feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início deste, assinala que o romantismo como estilo literário esteve associado à formação de um público essencialmente feminino, já que a leitura de romances e folhetins era permitida como “forma de lazer pela vigilância masculina”. Recorrendo aos estudos de Maria Helena Werneck, para quem foi o espaço das cestas de costura que primeiro acolheu o objeto-livro, ela enfatiza:

*“O momento de ler em voz alta, de coser e bordar, eram ocasiões de sensível significado para o for-*

*talecimento da identidade feminina. Nestas oportunidades as mulheres se reuniam em volta de uma mesa, na sala ou no quarto de costuras, e a pretexto de ler, ouvir uma leitura em voz alta, copiar riscos e trabalhar com as agulhas, trocavam confidências, discutiam assuntos familiares, criavam, enfim, um elo de solidariedade feminina.”* (Werneck, apud Bicalho, 1989. p.83)

Os livros da Biblioteca das Moças compunham-se de romances sentimentais que privilegiavam o amor como sentimento todo-poderoso, em narrativas onde as heroínas “belas e puras” acabavam casando com ricos herdeiros, de “porte garboso”, num eco da moral dos contos de fadas. As narrativas apresentavam-se também repletas de valores católicos, como a importância da caridade e da renúncia para a mulher, a descrição pormenorizada de ritos religiosos próprios do catolicismo — missas, novenas à Virgem Maria e, principalmente, celebração de casamentos que representavam o único final feliz para a vida da protagonista. Esses romances constituíram leitura extremamente popular entre as mulheres brasileiras, sobretudo entre aquelas das camadas médias da população, ao longo das décadas de 40, 50 e até meados da década de 60.

A popularidade desses livros, até 1963, por exemplo, é evidenciada pelas constantes edições<sup>4</sup>, pelas lembranças que trazem às suas antigas leitoras e até por fatos curiosos, como o de uma professora aposentada que afirmou ter dado a uma de suas filhas o nome de uma das heroínas de M. Delly — Magali —, cujo romance havia lido em 1945. Além disso, era comum essas obras constarem dos acervos das bibliotecas escolares destinadas à formação de professoras. Estes são indícios do fato de que pelo menos duas gerações de adolescentes brasileiras de classe média foram leitoras da Biblioteca das Moças, dado que poderia adquirir relevância na constituição de um *ethos*<sup>5</sup> feminino dessas gerações.

No início da década de 70, os livros da Biblioteca das Moças parecem ter trocado de mãos: passaram a ser lidos por mulheres operárias da indústria paulista, conforme aponta o estudo de Ecléa Bosi (1991) sobre hábitos de leitura. Nas listas organizadas pela autora (p.182-3) sobre os livros mais lidos, preferidos

3 “Os homens e as mulheres reais não cumprem sempre os termos das prescrições de sua sociedade (...). Os historiadores devem antes de tudo examinar as maneiras pelas quais as identidades de gênero são realmente construídas e relacionar seus achados com toda uma série de atividades de organizações e representações sociais historicamente situadas.” (Scott, 1990).

4 *Magali* (M. Delly, 10.ed., 1960); *O Selvagem* (Concórdia Merrel, 5.ed., 1958); *Fuga para o Amor* (Bertha Ruck, 3.ed., 1953). Uma edição comportava, em média, de 3 mil a 4 mil exemplares.

5 O termo *ethos* tem sido bastante utilizado na discussão histórico-antropológica recente. Neste trabalho, utilizo-o na perspectiva de Geertz, que diz: “o *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético”. (Geertz, 1989)

e até comprados pelas operárias figuram sete títulos da Biblioteca das Moças: *Poliana, Escrava ou rainha?, Magali, A Casa dos rouxinóis, Lady Shesbury, Cascata rubra, Castelo em ruínas*. Este dado me autoriza ainda mais a considerar a Biblioteca das Moças como leitura feminina por excelência, transcendendo agora o horizonte da classe média e, conseqüentemente, ajudando a fornecer elementos para a construção de uma identidade feminina.

Curiosamente, desde 1983, a Companhia Editora Nacional está reeditando vários títulos. Alguns comentários publicados em jornais por essa época permitem deduzir que ex-leitoras (e/ou novas leitoras — quem sabe?) da Biblioteca das Moças se encontram ainda por toda parte:

*"Minha deficiência cultural foi nunca ter lido, ao tempo, M. Delly e Cia., pois a Companhia Editora Nacional está recolocando no mercado a famosa Biblioteca das Moças, publicando Foi o Destino e A Sogra, livros que são clássicos da literatura açucarada e que, com todas as mudanças estruturais da vida, continua alimentando o romantismo subjacente às jovens adolescentes. Vou ler, para aprender ou apreender a necessidade do sonho."* (Laís Corrêa de Araújo, Coluna "Roda Gigante", Estado de Minas, 27/05/84).

ou

*"Ah! os velhos romances! A coluna de hoje não é para as crianças (...) especialmente hoje, a coluna é para os jovens e os ex-jovens (...) que, um dia, em sua juventude ou até adolescência gostaram de ler. Quero me referir ao relançamento — feliz e maravilhoso — de algumas coleções que fizeram os sonhos de rapazes e moças de certas décadas atrás (...). Quero falar da Biblioteca das Moças que agora retorna a nosso convívio."* (Antônio Hohlfeldt, Correio do Povo (RS), 16/10/83)

## ÁGUA POR FORA... MARES POR DENTRO

*"Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data."*

Guimarães Rosa

As histórias narradas nos romances da Biblioteca das Moças remontam a um passado europeu vagamente localizado entre a segunda metade do século XIX e inícios do século XX. Algumas histórias fornecem indícios que permitem situá-las mais precisamente no tempo:

*"Cinco anos antes de 1870, alistara-se no exército e combatera com valentia. Terminada a guerra, retomou os estudos."* (Mitsi, p.5)

*"Qual guerra! ...Nunca a França a aceitaria! Antes, para evitá-la, ela se submetera a tudo."* (Freirinha, p.160)

Os protagonistas são, na maioria das vezes, homens e mulheres membros da aristocracia européia,

que vivem em castelos suntuosos, onde se realizam festas, saraus, bailes:

*"baile de máscaras no castelo do Conde Bóris Vlavesky"* (O fim de uma Valquíria)

*"caçada nos domínios do Duque de Staldiff"* (Magali)

*"um magnífico sarau na mansão do Senhor de Ghiliac"* (Meu vestido cor-do-céu).

O expediente de colocar aristocratas e fidalgos em quase todas as histórias favorece um clima de fantasia, uma continuação dos contos de fadas, e isso parece ter agradado à leitora burguesa, em especial. A França — palco da maioria das histórias — exercia ainda grande poder de fascínio no imaginário brasileiro: hábitos, modas, mobiliário, vocabulário e educação, por exemplo, mantinham uma tônica francesa. Não por acaso, os livros de *délicatesses*, de guloseimas, disputados pelas mocinhas casadoiras, provinham sobretudo de Paris. Também era considerado refinado para a burguesia ascendente brasileira do início do século até as décadas de 40 e 50 saber falar francês e ler literatura francesa.

*"Meu pai assinava revistas francesas: L'Ingénieur, La Nature, L'Illustration, que era linda (...). Líamos muito literatura francesa."* (Depoimento de D. Lavínia, in Bosi, 1987. p.219)

A descrição das mulheres nos romances obedece a um paradigma dualista: heroínas e anti-heroínas. As heroínas, modelos de virtude, são "doces", "castas", "discretas" e "ruborizam", "estremecem", "balbuciam", são cheias de "graça natural" e de "profundo encanto", além de donas de uma "alma ardente e pura"; devem saber esperar, "renunciar".

*"É o ideal feminino: bondade, dedicação, energia, delicadeza incomparável. É aquela modéstia, aquela simplicidade, que faz que se ignore a si mesma."* (Magali, p.127)

*"Sua natureza acomodava-se facilmente à submissão passiva..."* (Escrava ou rainha?, p.81)

As anti-heroínas são "más", "frívolas", "vingativas":

*"Era uma soberba mulher de fisionomia inexpressiva, de alma fria e egoísta."* (O fim de uma Valquíria, p.47)

*"... Tinha longos dedos de unhas compridas semelhantes às garras de um lobo."* (Escrava ou rainha? p.50)

Esse mundo de renúncias, como sendo aquele que cabe à mulher no futuro, pode ser melhor compreendido à luz da explicação oferecida por Belotti (1981), ao discutir as diferenças de expectativas da sociedade em relação ao homem e à mulher. *"Numa cultura patriarcal, que coloca como valores essenciais de um lado a supremacia do indivíduo do sexo masculino e do outro a inferioridade do sexo feminino"* espera-se que o homem *"se torne um indivíduo, e é considerado por aquilo que há de ser"*, ao passo que da *"menina se espera que se torne um objeto, e é considerada por aquilo que irá dar"*. A autora conclui que o segundo destino, o da mulher, prevê *"a renúncia às*

*aspirações pessoais e a interiorização das próprias energias para que os outros possam aí haurir forças*" (1981. p.14 e 27, apud Leal e Cunha, 1991. p.57-8).

Nesses romances, as mulheres permanecem circunscritas ao espaço doméstico; o único trabalho possível fora de casa é o de professoras, mesmo assim em casos muito especiais, só para as que "precisavam trabalhar":

"... declarava que o verdadeiro lugar da mulher é no lar, exceto em casos, infelizmente muito frequentes, em que se vê obrigada, pelas modernas condições econômicas, a ganhar por si mesma o pão de cada dia." (Magali, p.189)

Ao que tudo indica, a identidade da mulher definia-se prioritariamente na esfera doméstica, o que põe em relevo a oposição entre o público e o privado<sup>6</sup>. Ao público, identificam-se o trabalho, a política, a rua, o masculino. Ao privado, a casa, a família, o doméstico, o feminino. Pelo menos no plano das representações, a mulher nos romances da Biblioteca das Moças pertence à esfera do privado.

A dicotomia público/privado aparece constantemente e de forma clara. O espaço privado é próprio da mulher-heróina: a casa, a família, as atividades domésticas. No público, a atuação das mulheres era basicamente como professora — "A gente nascia lá em casa com destino traçado; tinha que fazer o curso primário, entrar na Escola Normal e ser professora"<sup>7</sup> — ou "sombra-companheira" do homem. O território conjugal era considerado como um eixo que norteava os outros territórios da existência, principalmente, da mulher. Ele, no público, batalhando sua ascensão na escala dominante de valores. Guerreiro incansável. Ela, em casa, abastecendo o guerreiro: comida, roupa arrumada, casa enfeitada — tudo isso não só para ele, mas também para apresentar aos outros. Ela era (não o será ainda?) uma espécie de relações-públicas a serviço da promoção dele (um homem "bem-sucedido" deve ter uma bela mulher e uma bela família). Era ela, em suma, que sabia que clichês — vestuário, mobiliário — serviriam como sinais de reconhecimento, aumentariam o prestígio dele.

"... desempenhava seu papel de dona-de-casa com uma graça encantadora e uma dignidade, a um tempo sorridente e grave." (Escrava ou Rainha?, p.74)

"Ocupava-se, todos os dias, diligentemente, pelo interior da casa, do bem estar das tias, trabalhava para os pobres, adornava a capela, e, nas horas vagas, bordava, desenhava ou estudava música." (Freirinha, p.84)

"Lisa bordava, ao pé do marido [grifo meu], ou se sentava ao piano." (Escrava ou Rainha?, p.93)

A mulher aparece, assim, presa à família e a tudo que esta simboliza em termos de valores. O mito da mulher-mãe e da esposa submissa voltadas para o mundo interno da casa é cercado de uma série de qualificativos que vão definindo um padrão ideal de mulher. Ela aparece como um elemento a mais na hierarquia familiar, não havendo espaço para sua individualização. Enquanto isso, os homens continuam

administrando suas "vastas propriedades" ou confinados aos seus escritórios, aos seus "gabinetes de trabalho".

"O gabinete de trabalho do Duque estava inteiramente iluminado... como em todas as noites." (Magali, p.168)

"O príncipe trabalhava no escritório, com seus secretários." (Escrava ou rainha?, p.103)

Nesse espaço masculino por excelência não há qualquer referência à presença da mulher. O escritório era tão masculino, tão vedado às mulheres que chegar até ele era motivo de repreensão:

"... quando Cristiano abriu a porta, [do seu gabinete de trabalho] pensou que sonhava, Mitsi... era Mitsi? no seu gabinete?"

... Não é prudente Mitsi, eu devia repreender-te." (Mitsi, p.222)

Feitos para se unirem, homens e mulheres viviam em universos separados, juntos mas extremamente desiguais. Elas, dada sua "fragilidade", mantinham sempre uma relação de dependência com um homem, seja pai, irmão mais velho, tutor, padre, homens a quem elegiam como guias, a quem pediam conselhos.

Nas narrativas da Biblioteca das Moças, os cuidados com a casa, mesmo quando feitos por criados ou governantas, eram supervisionados pela dona da casa. "Vasos maravilhosos" eram enfeitados com "ricas flores", sempre exóticas, pouco conhecidas e até mesmo estranhas em climas como o nosso. As flores chamavam-se "os nenúfares", "as clematites", "os jacintos", "as açucenas", "as urzes" que remetiam a lugares e coisas distantes possibilitando fantasiar... Havia "mesas de mármore alvíssimas" enfeitadas por "esplendorosas estatuetas" e adornadas por rendas trazidas de lugares distantes como a Pérsia e a Índia. As mulheres sentavam-se em "poltronas de ébano bem talhadas", esperavam o marido reclinadas em "divãs de brocado", iluminadas por "abajures cor-de-púrpura". Tudo era detalhadamente descrito como adornos próprios e essenciais ao mundo doméstico — o mundo almejado pela mulher burguesa, a leitora da Biblioteca das Moças, e quem sabe pela própria operária que, em 1970, lia também esses livros.

Entre os casais, não há alusão a contatos físicos. O corpo é muito pouco mencionado, tudo parece estar sob controle (principalmente a sexualidade) e as referências se restringem a "grandes olhos aveludados", "dedinhos afusados", "lábios carminados" para ela, e "estatura elegante", "porte soberbo", "olhar penetrante" para ele.

À mulher tudo acabava sendo proibido, não podia sair sozinha nem conversar com estranhos; o mais grave, porém, era ficar sozinha com um homem antes do casamento, fato que comprometia seriamente sua inocência e pureza "naturais" e exigia a formalização

6 "Público" e "Privado" são categorias historicamente delimitadas e culturalmente percebidas, como alerta Roberto DaMatta (1981).

7 Depoimento de D<sup>a</sup> Brites a Ecléa Bosi (1987. p.249)

da união (por exemplo, em *Mitsi* e *Elfrida*). Os contatos físicos, mesmo entre os já casados pelos ritos da Igreja Católica, eram descritos com bastante parcimônia:

"... roçou com os lábios a fronte da moça." (Magali, p.262)

"... depôs-lhe um beijo nos sedosos cabelos." (Freirinha, p.238)

"... pousou a cabeça no ombro do marido." (Mitsi, p.222)

"... deu-lhe um beijo na testa." (Escrava ou rainha?, p.48)

Como registra Prado (1981, p.96), "o espaço para o erotismo nas narrativas fica por conta da imaginação das leitoras", estimulada por indícios do tipo: "*um frêmito intenso percorreu-lhe o corpo*", "*um suspiro agitou-lhe o peito*", "*trêmula emoção*", "*coração alanceado*". Mesmo que ao final dos romances haja o nascimento de um filho, não há qualquer pista que sugira contato sexual entre o casal, ligado por laços de "*um amor puro*". Parte dessa situação pode ser atribuída à ação da religião católica que se empenhou (e empenha-se ainda) em interiorizar a interdição sob a forma de pecado e em diabolizar a sexualidade, considerando-a "*o pecado por excelência*" (Delemeau 1988, p.316). Não por acaso, a mulher era identificada à Virgem Maria. No entanto, pode-se pensar que tudo o que se fazia na direção de Maria — "*cultos*", "*adornar a Capela da Virgem*", "*obras pias*" — tinha como antítese a imagem de Eva, ou seja, as "*virtudes femininas*" eram incentivadas antes de mais nada com o propósito de negar/disciplinar a "*natureza lasciva e corrompedora*" da mulher, o que se supõe implícito nela, de vez que tais idéias correspondiam ao pensamento da Igreja. O Papa Leão XII, na Encíclica RERUM NOVARUM, de 1891, diz:

"Trabalhos há que não se adaptam tanto à mulher, a qual a natureza destina, de preferência, aos arranjos domésticos, que, por outro lado, salvaguardam admiravelmente a honestidade do sexo, e correspondem melhor, pela sua natureza, ao que pede a boa educação e a prosperidade da família." (Saffioti, apud Leal e Cunha, 1979, p.93)

Essa postura da Igreja no século XIX não irá se alterar de modo significativo, pois, em 1943, o Papa Pio XII, ao se posicionar contra o trabalho remunerado da mulher por ser este contrário ao seu destino de mulher, reafirma-a: "*A igualdade de direitos com o homem, trazendo o abandono da casa onde ela era a Rainha, sujeita a mulher ao mesmo peso e tempo de trabalho. Desprestigiou-se a sua verdadeira dignidade (...) o caráter próprio de seu ser feminil...*" (Saffioti, apud Leal e Cunha, 1991, p.21). Daí que, ao invés do domínio de si, o Cristianismo recomenda aos fiéis a renúncia de si, a abdicação de desejos em nome de uma pureza cujo modelo é a Virgem Maria, mãe de Jesus. Esta devoção à Virgem Maria fazia parte da formação da "*jeune fille*" na França do século XIX, como nos aponta Cláudia Fonseca (1989, p.114): "*A educação da jeune fille burguesa na virada do sé-*

*culo era eminentemente católica. Os excessos de piedade (...) são notórios. O culto mariano encorajado, desde o início do século (...) fornecia um modelo feminino de paciência, submissão e abnegação*". Modelo que parece ter encontrado terreno fértil nos colégios religiosos femininos que valorizavam sempre um ideal de mulher pura e virtuosa tal como se encontrava descrito nos romances da Biblioteca das Moças:

"*Ela tinha a simplicidade da criança... era uma dessas almas delicadas, revelando-se apenas pelas suas virtudes e caridade.*" (Magali, p.86)

"... *era mulher santa que tinha horror ao mal e preferia despedaçar o coração, a praticá-lo.*" (Mitsi, p.166)

"*Elys era uma criança leal, de alma pura e enérgica.*" (Freirinha, p.138)

Os valores religiosos permeavam a maior parte da vida das mulheres nos romances da Biblioteca das Moças, como se nota através da descrição de ritos católicos, da dedicação a "*obras pias*", da presença do "*padre conselheiro*", o que nos parece um bom motivo para que os colégios femininos de orientação católica incentivassem sua leitura:

"*Magali explicava o catecismo aos garotos. Sua voz harmoniosa (...) explicava as verdades da fé.*" (Magali, p.217)

"*Amélia era de natural discreto... de família religiosa (seu irmão era padre) de alma simples e modesta era a professora das meninas Isabel e Ofélia. Era uma amiga (...) demonstrava discrição e bom senso.*" (Magali, p.11-2)

Essas concepções expressam que para o exercício da profissão de "professoras de meninas" era necessário a simplicidade, a modéstia, a discrição, além, é claro, dos "dons naturais" da mulher para educar. À professora era dispensável atributos físicos (beleza, mesmo!) como alertam os autores da Biblioteca das Moças.

"*Você é bonita demais para se fazer professora. Com esta beleza e esse porte real, todas as suas alunas ficariam com ciúmes.*" (Magali, p.107)

"*Que família aceitará jamais como professora (...) uma moça com este entono, esses modos de fidalga.*" (Mitsi, p.59)

Novamente, as citações indicam uma "postura" para a professora: modesta, sem modos de fidalga, talvez austeridade no vestir... A esse respeito convém transcrever um depoimento colhido por Louro (1987) sobre as professoras na década de 40:

"*Realmente aqueles tipos eram ímpares! A maior parte são soturnas, sofridas... eram pessoas de aspecto até ascético, vestidas meio pobremente, um aspecto tão sofrido...*" (p.53)

Esses indícios sugerem que a leitura foi um dos processos que ajudaram a sedimentar a imagem do magistério como "ocupação ideal para mulheres" junto a outras idéias expressas por educadores que argumentavam ser o magistério carreira mais adequada à natureza feminina, pois requeria amor, dedicação, mi-

núcia e paciência. Figuras maternas e puras... imagens construídas sobre os atributos da mãe ligam-se visceralmente à imagem da professora. O papel da professora seria a extensão de uma atividade que já ocorria dentro de casa; ela deveria ser afetiva, terna, paciente, sem deixar de ser severa e disciplinadora, portanto, atributos femininos "por natureza". A idéia de que seria natural para a mulher o ato de educar parece ter sido um dos mecanismos mais eficientes para induzir as mulheres a escolher o magistério como ocupação.

Como lembra Louro, *"o destino das mulheres ainda é, sem dúvida, a maternidade e o lar; a esfera de atuação feminina é a doméstica (...) a formação como professora dá-se por uma orientação que aproxima o mais possível a profissão à função de mãe"*. (1987. p.15).

Nas narrativas românticas da Biblioteca das Moças, a idéia de educar, de ser professora, era tida como *"sublime tarefa"* e significava tanto garantir a formação do *"bom caráter"* como, num sentido caritativo-assistencial, ter *"carinho maternal"* para com os desprotegidos e, num sentido religioso, *"irradiar a fé aos que lhe estão confiados por Deus"*, citando com bastante frequência os exemplos *"dos santos pelos desgraçados"*.

Idéias semelhantes estão presentes na obra *Humanismo Pedagógico*: estudos de filosofia da educação, de Alceu Amoroso Lima<sup>8</sup>, que reúne textos e palestras proferidas no período de 1931 a 1943 e que fazia parte das bibliotecas destinadas à formação de professoras. Às alunas do Curso Normal Santa Inês (RJ) o autor fala da *"nobre tarefa do magistério"*, tarefa que assim caracteriza: *"na obra educativa, mais que em qualquer outra, só o amor é fecundo e criador. Por isso há tanta afinidade entre a maternidade e a educação. As mulheres são professoras natas, em geral, porque têm por natureza a vocação da maternidade"* (p.296). *"Não é pois a ciência, mas o amor que constitui a qualidade central de uma verdadeira mestra. Saber é fácil. Amar é difícil."* (p.296)

O amor que é a qualidade central da mestra é entendido como *"sacrifício de si mesmo"*, *"vitória sobre as paixões, sobre a impaciência, sobre a monotomia, sobre o egoísmo, sobre a vaidade, sobre tudo o que nos leva a olhar apenas para dentro de nós mesmos"* (p. 296). Alerta o autor: *"Lembrai-vos sempre de vossa experiência de alunas ou de filhas, na obra de mestras e de mães que em breve ireis iniciar."* (p.297)

A professora, na sua visão, será uma *"cooperadora de Deus e dos pais"* na tarefa de formar os futuros cidadãos" (p.303). E para isso terá que ser forte para vencer a si mesma e ao *"mundo terrível"* em que vivemos, mas ao mesmo tempo *"cheia de doçura"*, isto é, bondosa, cheia de amor no coração e de palavras de perdão e de piedade. *"Sede colméias para os vossos alunos, diligentes como abelhas e destilando o mel de um saber temperado de amor"* (p.306).

Resignação, abnegação, renúncia, meiguice, o sentido da educação promotora de tais "virtudes" é

claramente o de formar um "ser para o outro", ou seja, desenvolver um projeto para outrem. Ela deverá ser filha, mulher e mãe. E aqui me arrisco a dizer que ainda hoje, no Brasil, as mulheres de classe média parecem estar cercadas de uma ambigüidade tradicional que convive com valores modernos. Se ela pode ser duramente criticada quando se distancia da "casa" e do controle da "família" (do pai, dos irmãos e do marido) ela ainda é valorizada, acima de tudo, como "mãe". Será que (ainda!) o papel de "mãe" não é mais considerado do que o de "mulher"?

Acompanhando em fontes diversas os discursos e as práticas que tentam dar forma à construção de uma identidade feminina, é importante destacar algumas recomendações dos legisladores da época quanto ao livro de leitura, por exemplo:

*"... o livro de leitura deve contar, além das páginas que satisfazem a prescrição do programa para cada série, matéria de leitura, orientada em dois sentidos."*

Os textos destinados de preferência à atenção das meninas devem encarecer as virtudes próprias da mulher, a sua missão de esposa, de mãe, de filha, de irmã, de educadora. O seu reinado no lar e o seu papel na escola, a sua ação nas obras sociais de caridade, o cultivo daquelas qualidades com que ela deve cooperar com o outro sexo procurarão enaltecer aquela têmpera de caráter, a força de vontade, a coragem, a compreensão do dever, que fazem os homens de ação, os heróis da vida civil e militar (Silveira, apud Schwartzman, 1984. p.109).

Assim, igualmente, numa publicação das alunas-normalistas de um colégio religioso de Florianópolis<sup>9</sup> pode-se acompanhar como as próprias mulheres que estavam prestes a se formar professoras entendiam a função da professora. Sob o título "Mosaicos", encontram-se publicados (*Pétalas*, 1945. p. 7) trechos extraídos da prova de Pedagogia das Magistrandas de 1945, que versou sobre o tema "Mestres e alunos têm um mestre comum: a afeição". Assim se expressavam as alunas:

*"... ser mestra é ser mãe de almas... sacerdócio do coração."*

*"Para ser mestre é necessário que uma outra força dirija todo o seu trabalho: verdadeira afeição."*

*"O trabalho educacional será mais soberbamente coroado se a afeição ligar os dois seres que trabalham, embora em ramos diferentes, pela grandeza da Pátria."*

*"Não poderá haver perfeita educação, se nela não houver amor mútuo entre educador e educando."*

8 O autor era um dos intelectuais católicos que difundiam os valores *"familistas"*, dizendo ser a *"família um órgão fundamental e mesmo o mais importante de todos"*, dependendo dela a vida política, econômica, religiosa, social e individual. (Lima, 1944. p.251-70)

9 Revista *Pétalas*, publicação semestral das alunas do Colégio Coração de Jesus de Florianópolis, editada de 1935 a 1964.

*"Não é, nem deve ser o magistério considerado uma profissão, mas sim um sacerdócio que concretiza o amor e reúne, a um só tempo, a paciência, o desprendimento, o carinho e a compreensão."*

Como se pode perceber, à professora eram necessários os mesmos "dons naturais" inerentes às mulheres e mães descritas nas narrativas dos romances da Biblioteca das Moças, nos quais a idéia de educar pressupunha o princípio de uma promoção que passava pela aquisição de uma competência doméstica. O acesso da mulher à esfera pública deveria portanto corresponder à sua "natural" vocação, ou seja, enquanto um prolongamento de suas funções de mãe e dona-de-casa.

Das professoras exigiam-se atos sempre exemplares, atos de sacrifícios e renúncias, pois *"não nos é permitido semear senão beleza"*. Enfim, ser professora era, sempre, uma *"tarefa sublime"* qualificada como arte, missão, sacerdócio.

Múltiplos e variados exemplos ilustram, portanto, a maneira como vem sendo representado o "ideal feminino" de mulher/mãe e professora, expresso tanto em romances da Biblioteca das Moças, em que o clima de fantasia está repleta de valores, como em outros dispositivos, mais explicitamente normativos, como a legislação, as palestras e os discursos das e sobre as mulheres em que o verossímil e o inverossímil parecem ter uma mesma substância.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Viajei, vim, acho que não tinha vontade de chegar em nenhuma parte.*

Guimarães Rosa

Ao analisar as narrativas da Biblioteca das Moças, enfoques femininos por excelência, e constatando a popularidade de suas leituras entre adolescentes, nas décadas de 40, 50 e 60 e o encantamento que despertavam<sup>10</sup>, posso arriscar dizer que a leitura, nesse caso específico, funcionou como uma forma de socialização secundária, como um dos processos formais para interiorização e/ou reforço de valores, *"submundos"*, como explicitam Berger e Luckmann (1990. p.185 e *passim*). Assim, a leitura parece ter sido importante enquanto paradigma para a construção de uma identidade feminina (de mulher e professora, especialmente) em seu público leitor, não somente pelo ato de ler em si, mas pelo fato de que tais valores expressos nos livros tendiam a reforçar o que já tinha sido interiorizado no processo precedente da socialização primária, entendida como *"a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual torna-se membro da sociedade"* (Berger e Luckmann, 1990. p.175).

Abordar a leitura nessa perspectiva é considerar também a irredutível liberdade das leitoras, pois a leitura é quase sempre prática criadora capaz de pro-

duzir outros sentidos completamente singulares e que não se reduzam às intenções daqueles que escrevem. Não se trata, portanto, de estabelecer uma relação imediata entre texto e leitora (onde se "reproduziria" integralmente o lido) mas, de considerar a leitura como *uma* das formas de apropriação de hábitos e valores *"capazes de afetar o leitor podendo até conduzi-lo a uma nova norma de compreensão de si mesmo e do mundo"*, ou seja, a uma *"re-figuração da experiência"* (Chartier, 1990. p.24 e *passim*).

É necessário, pois, refletir sobre algumas veredas nas quais ainda não me adentrei, mas que sugerem importantes questões, como por exemplo: até que ponto o ideal feminino de mulher e professora, baseado em qualidades das "heroínas" dos romances foi valorizado pelas leitoras? E quem ousou romper esse ideal? Ao mesmo tempo, como se explica a reedição, a partir de 1983, desses romances pela Companhia Editora Nacional? E, mais ainda, como reagiram as operárias que também elegeram esses romances como suas leituras preferidas? Seria uma fantasia compensatória? Tantas perguntas... Muito pouco — ainda! — posso concluir dessas leituras, mas, tudo indica que elas embalsamaram muitos sonhos e deixaram algumas ressonâncias. Continuo buscando traços, pistas, sinais (quase com volúpia) que me possibilitem compor um quadro de referências mais amplo dessas possíveis "apropriações culturais". Para isso recorro a Chartier (1990), que alerta: *"Pensar desse modo as apropriações culturais permite também que não se considerem totalmente eficazes e radicalmente aculturantes os textos ou as palavras que pretendam moldar os pensamentos ou as condutas"* (p.123).

E por falar em ressonâncias, um texto de jornal me chamou a atenção enquanto encerrava este artigo. Trata-se de uma entrevista, publicada num dos jornais de grande circulação em Santa Catarina. Uma mulher, advogada, cerca de quarenta anos, à qual se perguntou quais os atributos necessários para vencer na vida, respondeu: *"Considero que toda mulher deva ter uma exagerada dose de dinamismo. Acho imprescindível que ela tenha uma forte visão espiritual, abraçando causas sociais, contribuindo para a formação de uma sociedade melhor. Como mãe [sem grifos no original] nos realizamos em todos os sentidos"*. Como lembra Eliane Marta Lopes (1989), hoje não se diz exatamente a mesma coisa, não se diz em consequência das mesmas coisas, não se diz no mesmo lugar e época, não se diz às mesmas pessoas, mas alguma coisa insiste, teima em insistir...

A necessidade de colocar, mesmo que precariamente, um ponto para concluir este trabalho me obriga a admitir que apesar de todos os inventários feitos e de todas as teorias usadas existirão ainda, a cada nova leitura, ruídos perturbadores, vozes dissonantes, ou mesmo silêncios eloqüentes para serem

<sup>10</sup> Estas constatações se baseiam também em entrevistas realizadas com professoras primárias, ex-leitoras da Biblioteca das Moças, tanto em Florianópolis como em São Paulo.



descobertos e dissecados. O trabalho realizado, o que captei, contei, descrevi, me esforcei em analisar foi a minha leitura do objeto, uma oferta a quem quiser apanhar de um "feixe de possíveis" — tecido aberto e inconcluso de conhecimentos e impressões. Certamente vou me aventurar nesta busca que será, acima de tudo, "uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos", como ensina Gilberto Freire<sup>11</sup>. Finalmente, nesta ousada tentativa de levar para um espaço público a experiência privada da leitura, talvez só tenha sido possível, aqui e acolá, mapear fronteiras e perceber que, mesmo tentando penetrar nos avessos das certezas, continua in-

solúvel o mistério central (contos de fadas? contos de vida?). Continuo, portanto, no meio da rua e cada vez mais seduzida a realizar a travessia que essa, sim, promete ser fascinante e, mais uma vez Guimarães Rosa responde por mim: "Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia".<sup>12</sup>

11 Cf. prefácio à 1ª edição de *Casa Grande & Senzala*.

12 As citações de Guimarães Rosa, neste texto, foram extraídas de seu livro *Grande Sertão: Veredas*, que me fascina, seduz e encanta a cada nova virada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELOTTI, Elena G. *Educar para a submissão: o descondicionamento da mulher*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERGER, P., LUCKMANN, T. *A Construção social da realidade*. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1990.
- BICALHO, Maria Fernanda B. O Bello sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX. In: BRUSCHINI, Cristina, COSTA, Albertina O. (org.) *Rebeldia e submissão: estudos sobre a condição feminina*. São Paulo: Vértice; Fundação Carlos Chagas, 1989. p.79-99.
- BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz; EDUSP, 1987.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 4.ed. São Paulo: Martins, s/d.
- CHARTIER, Roger. *A História cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- DAMATTA, Roberto. *A Casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- DELEMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- DIAS, Maria Odila L. S. *Perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano*. São Paulo, 1991. (mimeo) [Conferência proferida em reunião de Grupo de Mulheres]
- FONSECA, Cláudia. Solteiras de fino trato: reflexões em torno do (não) casamento entre pequena-burguesa no início do século. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.9, n.18, p.99-120, ago./set. 1989.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989, p.143-4
- GUIDO, Maria Cristina. *A Mulher civiliza-se*. Rio de Janeiro, 1990. Dissert. (mestr.) PUCRJ, 1990.
- JORNAL DIÁRIO CATARINENSE. 25 de jul. 1992. Cad. Variedades. p.7.
- LEAL, Elisabeth J. M., CUNHA, Maria Teresa S. A Educação da mulher: uma visão do cotidiano de um colégio religioso feminino. Brasília: INEP, 1991. [Relatório de Pesquisa]
- LIMA, Alceu Amoroso (Tristão de Athayde). *Humanismo pedagógico: estudos de filosofia de educação*. Rio de Janeiro: Stella Editora, 1944.
- LOPES, Eliane Marta I. *Mentalidade e educação: um cruzamento necessário*. 1989. (mimeo)
- LOURO, Guacira Lopes. *Prendas e anti-prendas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1987.
- PERROT, Michelle. *Os Excluídos da história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PÉTALAS. Florianópolis: Colégio Coração de Jesus, v.13, n.24, dez.1945.
- PRADO, Rosane Manhães. Um ideal de mulher: estudo dos romances de M. Dely. *Perspectivas antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro, n.2, p.71-112, 1981.
- REIS, Maria Cândida Delgado. Tessitura de destino: mulher e educação; São Paulo, 1910/20/30. São Paulo, 1991. Dissertação (mestr.) PUCSP.
- ROSA, J. Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- SCHWARTZMAN, Simon et al. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: EDUSP, 1984.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22 jul./dez., 1990.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. 6.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- STONE, Lawrence. O Renascimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história. *Past and Present*, n.8, p.3-24, nov.1979.
- LOPES, Eliane Marta I. *Mentalidade e educação: um cruzamento necessário*. 1989. (mimeo)
- LOURO, Guacira Lopes. *Prendas e anti-prendas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1987.
- PERROT, Michelle. *Os Excluídos da história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PÉTALAS. Florianópolis: Colégio Coração de Jesus, v.13, n.24, dez.1945.
- PRADO, Rosane Manhães. Um ideal de mulher: estudo dos romances de M. Dely. *Perspectivas antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro, n.2, p.71-112, 1981.
- REIS, Maria Cândida Delgado. Tessitura de destino: mulher e educação; São Paulo, 1910/20/30. São Paulo, 1991. Dissertação (mestr.) PUCSP.
- ROSA, J. Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- SCHWARTZMAN, Simon et al. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: EDUSP, 1984.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22 jul./dez., 1990.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. 6.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- STONE, Lawrence. O Renascimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história. *Past and Present*, n.8, p.3-24, nov.1979.

## ROMANCES DA BIBLIOTECA DAS MOÇAS

- M. Dely. *Alma em Flor*. 4.ed. 1958 (v.70)
- \_\_\_\_\_. *Elfrida*. 8.ed. 1957. (v.22)
- \_\_\_\_\_. *Escrava ou Rainha?* 1953. (v.26)
- \_\_\_\_\_. *O Fim de uma Valquíria*. 12.ed. 1985. (v.42)
- \_\_\_\_\_. *Freirinha*. 1946. (v.61)
- \_\_\_\_\_. *Magali*. 10.ed. 1960. (v.52)
- \_\_\_\_\_. *Meu vestido cor-do-céu*. 1954. (v.67)
- \_\_\_\_\_. *Mitsi*. 1956. (v.158)
- \_\_\_\_\_. *Orieta*. 2.ed. 1958. (v.155)
- \_\_\_\_\_. *Um sonho que viveu*. 2.ed. 1958. (v.10)
- \_\_\_\_\_. *A vingança de Ralph*. 3.ed. 1959. (v.130)